

À CONVERSA COM

DEUS COM PÉS DE BARRO

MARTA VASQUES NEVES

José Manuel Simões é licenciado em Jornalismo Internacional, professor de Fotojornalismo na Escola Superior de Jornalismo do Porto, jornalista da secção de cultura e espectáculos do Jornal de Notícias e escreve biografias sobre músicos como Cesária Évora, Júlio Iglesias e David Byrne.

Foi na qualidade de leitora do livro "Cesária Évora" que mantive o primeiro contacto com José Manuel Simões.

Depois, e só depois, seguiu-se a conversa com o autor.

Espontâneo mais que precipitado, acedeu à entrevista, mas jogando como ninguém o tempo que lhe é precioso, rapidamente me fez perceber que não estava a lidar com uma pessoa vulgar.

A conversa vagueava por mundos diversos, quando ao fundo se fez ouvir "Sodade", da sua amiga "Cize" - nome de guerra: Cesária Évora.

A música remeteu-me para a deportação forçada de trabalhadores para a ilha de São Tomé e Príncipe, para um país belo, mas que herdara a prática da escravatura e as acções de uma política de "imobilismo", que não deixava que o país se desenvolvesse culturalmente.

Estávamos no final dos anos 60, época em que as colónias reforçavam a luta pela independência e a PIDE impunha as suas regras, interditando serenatas e perseguindo músicos.

José Manuel Simões, mais do

que jornalista, falou da sua experiência como "psicólogo" de uma "diva" que viveu este tempo com tristeza, de não ser reconhecida.

Relatou ainda muitos dos outros episódios que descreve no livro, como a cumplicidade que ganhou daquela a quem já chamaram "embaixatriz da música de Cabo Verde". Sem deixar a emoção, com que fala, quis saber sobre as histórias que estão por detrás da feitura deste livro.

Basicamente, este é fruto e consequência de um projecto, mais vasto, que é o trabalho como jornalista.

Juntamente com as *Publicações Europa-América*, José Manuel Simões decidiu fazer uma série de biografias, cujos biografados fossem pessoas com quem tinha mantido alguma relação profissional.

Começou por escolher entrevistados que mais lhe marcaram, não só pela positiva, mas que o marcaram de uma forma geral, enquanto pessoa.

Começou por Cesária Évora.

Alguém que o fascinou pelo seu conteúdo, para além da aparência: "...é ela mesma, totalmente interiorizada, sem palavras para expressar certezas, preferindo o olhar e os gestos do que as ideias construídas".

Senti que a fronteira, entre simples biógrafo e confidente, balançou várias vezes. Provavelmente pela

JOSÉ MANUEL SIMÕES

sua forma de se expressar: directa, franca, pura, aberta. Um tipo de escrita que corta relações com um tal de "sensacionalismo". Ao preencher uma das lacunas das editoras portuguesas, no que diz respeito ao "penetrar nos meandros da alma de um artista", José Manuel Simões superou o "nascimento" do primeiro livro. Depois de Cesária conta-se o nome de Júlio Iglesias e muito brevemente o terceiro livro será dedicado a David Byrne.

José Manuel Simões escreve também, com alguma regularidade, na secção de cultura e espectáculos do Jornal de Notícias.

Escreve preferencialmente sobre música, crónica de discos e de concertos.

A área do jornalismo que mais lhe agrada é a entrevista. "Conhecer de perto, conviver, partilhar ideias e pensamentos, poder questionar figuras famosas mundialmente como a "energética" Celine Dion, a "vaidosa" Mariah Carey, o "carismático" David Byrne, o "esforçado" Djava, o "tímido" Pat Matheny, a "pura" Cesária Évora, o "emotivo" Salif Keita, o "estratega" Júlio Iglesias, o "feliz" Gabriel, O Pensador.

"Dá-los a conhecer aos leitores é uma enorme satisfação" afirma José Manuel Simões.

"Refúgio" ou simples "paixão" assume a escrita aliada à fotografia. Como se ambas fossem uma rebeldia poética. Assim, "viajamos" ao "local ideal para se viver da arte": o Brasil.

Viveu neste país durante três anos, onde conheceu todas as capitais de Estado e alguns paraísos como a Amazônia.

Fotografou uma "cultura riquíssima, pês as dificuldades" como uma criança a morrer à fome, algures numa favela.

Concorda que tal como os fundadores da *Magnum* (cooperativa fotográfica), a fotografia pode ter como objectivo a denúncia social de diversas atrocidades.

Neste caso, a máquina fotográfica surge como a "máscara" de um homem irreverente, mas que sentirá sempre "o bater do lado esquerdo do peito", assim como o último dos mortais.

Como crítico de música admira até "ao estado de transe" o grupo brasileiro "Barão Vermelho".